



A escuta suspensiva: chave operativa da entrevista fenomenológica

Suspensive listening: the operational key to phenomenological interview

Cristiano Roque Antunes Barreira

 <https://orcid.org/0000-0003-0141-6828>

Achilles Gonçalves Coelho Júnior

 <https://orcid.org/0000-0002-6502-3161>

Universidade de São Paulo
Brasil

Resumo

Na Psicologia, a centralidade da escuta se apresenta como uma questão epistemológica e prática, sendo discutida no âmbito da psicologia fenomenológica e, enquanto escuta suspensiva, como dispositivo que dispara e desenvolve a entrevista como sua chave operativa. Trata-se de uma articulação teórica na perspectiva da fenomenologia clássica de Edmund Husserl, que exige considerar a esfera transcendental e a antropologia resultante das reduções intersubjetivas realizadas pelo fundador da fenomenologia. Para a Psicologia, explicita a relação inerente entre pessoa e cultura, tema que coloca em questão os objetos e o modo de fazer pesquisa empírico-fenomenológica, bem como consequências para a clínica. Os resultados equivalem a uma sequência de análises fenomenológicas, partindo das análises preliminares da entrevista e da escuta, em seus momentos hiléticos e noéticos. A escuta suspensiva é operada como encontro de horizontes de expectativa, indicando sua complexidade e especificidades de sua execução.

Palavras-chaves: escuta; entrevista; psicologia fenomenológica

Abstract

The centrality of listening to Psychology is presented as an epistemological and practical issue, being discussed within the scope of phenomenological psychology and, as suspensive listening, as an operational device that, like a key, triggers and develops the interview. It is a theoretical articulation from the perspective of classical phenomenology by Edmund Husserl, which demands considering the transcendental sphere and the anthropology resulting from the intersubjective reductions carried out by the founder of phenomenology. For Psychology, it explains the inherent relationship between person and culture, a theme that puts objects in question and the way of doing empirical-phenomenological research, as well as consequences for the clinical psychology. The results are equivalent to a sequence of phenomenological analyses, starting with the preliminary analyses of the interview and listening, in its hiletic and noetic moments. Suspensive listening is operated as a meeting of horizons of expectation, indicating its complexity and specificities of its execution.

Keywords: listening; interview; phenomenological psychology

A questão da escuta não é um problema exclusivo da fenomenologia, mas é, antes disso, um tópico epistemológico capital, ainda se insuficientemente examinado pela Psicologia.¹ É difícil pensar a Psicologia sem a escuta, seja enquanto ciên-

¹ O estudo é parte de Auxílio Regular à pesquisa da FAPESP (Processo 2019/11527-6).



cia, seja enquanto profissão. Essa dificuldade se coloca pelo próprio fato de que, se em algum momento o problema de seu sentido foi sistematizado fenomenológica e epistemologicamente, sua tematização parece não ter tido maior repercussão. Portanto, sem se saber em que consiste propriamente, não é possível examinar seu lugar no domínio da área, restando questionar se, porventura, sem escuta haveria Psicologia. Embora a escuta seja frequentemente mencionada entre psicólogos, sua definição ou é inexistente ou vaga, conformando-se em designar um modo privilegiado de abertura à subjetividade. No contexto psicológico, invocá-la é anunciar um posicionamento de atenção, de cuidado, de interpretação e de compreensão, evocação significativa, mas ainda elusiva quando se enfoca o que está no cerne da dinâmica relacional praticada por psicólogos. Sob esse pano de fundo, o presente artigo tematiza a *escuta suspensiva*, conceito cunhado ao longo de anos de práticas de pesquisa empírica, designando a aplicação de prerrogativas fenomenológicas no âmbito da relação intersubjetiva (Barreira & Ranieri, 2013; Barreira, 2017, 2018). A escuta suspensiva resulta da submissão da escuta, ou ao menos de certo modo de experienciá-la, à análise fenomenológica, bem como de sua operacionalização em chave fenomenológica.

A fundamentação da psicologia fenomenológica é íntima do rigor, prenunciado no célebre manifesto de Edmund Husserl, *Filosofia como ciência rigorosa* (1911/1965), dando ao trabalho filosófico um protagonismo que extrapola as incertas fronteiras desta disciplina, impondo-se à fundamentação das ciências como um todo (Farges & Pradelle, 2019; Barreira, 2011). Apesar de os fundamentos da psicologia fenomenológica (Massimi & Passafaro, 2019) serem de difícil domínio, ensejando labilidade em seu uso, em todo o mundo, poucas abordagens filosóficas tiveram impacto tão significativo na produção de pesquisas qualitativas como teve a fenomenologia e derivações como a hermenêutica e o existencialismo. No âmbito da clínica não foi diferente, havendo irradiações da fenomenologia em um vasto leque de abordagens, conforme demonstra a história de suas influências na psicologia clínica (Coelho Júnior & Barreira, 2019). A investigação empírico-fenomenológica depende da formulação de procedimentos intermediários, como o eventual uso de entrevistas, cuja coerência com os fins e meios da fenomenologia, por sua vez, são previamente dependentes de uma adequada transposição conceitual das operações fundamentais desta perspectiva. Isso vale para a clínica que, se não deixa de ser um espaço de investigação do ser humano (Amatuzzi, 2001), é uma situação de aplicação interventiva de conhecimentos psicológicos, o que não corresponde à natureza primeira da fenomenologia e incentiva diferentes esforços recentes de sistematização para a psicologia clínica (Giorgi, 2005; Owen, 2006). Tanto no Brasil como no exterior, modelos de pesquisa empírico-fenomenológica em psicologia existem há décadas (Castro & Gomes, 2011; Barreira, 2018), mas não modelos



apoiados em todos os passos da fenomenologia clássica². Este artigo aprofunda problematizações conceituais e operacionais da escuta suspensiva, que visam, à maneira clássica, alinhar práticas de pesquisa empírica com fundamentos fenomenológicos. Entretanto, essas problematizações se concluem abrindo a escuta suspensiva de modo irrestrito à fenomenologia clássica e à pesquisa. Trata-se de assinalar a importância de qualificar a escuta suspensiva não apenas de acordo com seus enquadres, isto é, com as situações em que é posta em prática, mas em acordo com as perspectivas que a informam, como podem ser diferentes linhas hermenêuticas e existenciais. Ainda mais amplamente, é a própria escuta psicológica que é colocada em questão. Nesse sentido, é preciso afirmar o alcance da escuta suspensiva como um conjunto de operações intersubjetivas afinadas com a fenomenologia, mas também diferenciadas dela segundo suas derivações teóricas e práticas, ou seja, filosóficas e epistemológicas, por um lado, metodológicas e clínicas, por outro. Assim, pode-se falar em “escuta hermenêutica suspensiva”, à maneira de diferentes perspectivas interpretativas. Esforços significativos para operacionalizar as suspensões descritivas em entrevistas investigativas, como o notório exemplo das entrevistas de explicitação (Depraz, Varela, & Vermersch, 2003; Petitmengin, 2006), aplicadas e desenvolvidas em contextos experimentais, dialogam muito intimamente com a escuta suspensiva, embora seu nome designe o instrumento e não a experiência de escuta propriamente. Este trabalho não se propõe a fazer qualquer catalogação crítica das afinidades e diversidades contempladas sob o nome de escuta suspensiva, mas propõe seu delineamento na matriz da fenomenologia clássica e da experiência transcendental como guia operacional.

Para tanto, este artigo irá situar o contexto e a perspectiva transcendental da fenomenologia de Husserl a que, em seu surgimento, o conceito se articula e se filia; apresentará os rudimentos de uma análise intencional da entrevista e da escuta para, então, descrever o horizonte da escuta suspensiva como chave operativa da entrevista fenomenológica. Conclui abrindo a escuta suspensiva a novas qualificações que permitam o ancoramento da psicologia junto à escuta enquanto seu campo de experiência primordial.

A esfera transcendental: antropologia, psicologia e escuta fenomenológicas

O desenvolvimento das pesquisas fenomenológicas em psicologia, bem como das pesquisas filosóficas dedicadas aos manuscritos de Husserl não publicados em vida, têm dado novo fôlego às transposições e inovações conceituais, como pre-

² Por fenomenologia clássica entenda-se uma maneira de operar fenomenologicamente em coerência com o conjunto da proposta do fundador desta filosofia, Edmund Husserl (1859-1938), a exemplo de Edith Stein (1891-1942) (Ales Bello, 2016, 2019).



tende ser o caso da *escuta suspensiva*, necessárias para a afirmação e consolidação da nova psicologia almejada pelo filósofo (Barreira & Ranieri, 2013; Valério & Barreira, 2015; Barreira, 2017; Massimi & Passafaro, 2019). Dois pares conceituais se entrecruzam em favor desta consolidação. Um primeiro, já francamente ativo na tradição de pesquisa acima mencionada, coloca em evidência, incessante e paulatinamente, os fundamentos epistemológicos para um proceder metodológico adequado. Já o segundo par, expressivo dos resultados das análises de Husserl e Edith Stein e, simultaneamente, do inacabamento conceitual por eles legado como inerente à filosofia, se compõe por uma *antropologia* de impostação *filosófico-fenomenológica*, alicerçando a nova psicologia, aquela fazendo-se conhecer e esta delineando seus contornos.

É capital a importância deste segundo par, uma vez que se sabe que, por sua via, a potência desta perspectiva não se restringe ao proceder científico de rigor, mas que os resultados das análises intencionais têm, por força das evidências explicitadas em seu operar, alcances normativos com inegável apelo técnico e humano, procedimental e ético – bases da Psicologia aplicada. Revigorar o rigor da pesquisa empírico-fenomenológica em psicologia, articulando-o a um enredo normativo, reiterada e renovadamente, propiciado pelas explicitações da antropologia de impostação fenomenológica, vem se provando uma das mais promissoras vias de consolidação para essa nova psicologia. Ao contrário do que possa sugerir, a ideia de rigor não significa um constrangimento a padrões procedimentais fixos, mas a abertura bem justificada e racionalmente fundamentada de suas possibilidades.

O entendimento de Husserl quanto à necessidade de se operar a *epoché* na psicologia não é apenas claro, mas, em sua obra final (Husserl, 1926-38/2012), é uma explícita recomendação ao psicólogo que deve colocar entre parênteses a sua existência mundana para, por meio da empatia, abrir-se à compreensão do outro com base na apreensão de suas vivências (Ales Bello, 2016a). Logo, a fenomenologia da empatia, dispersa na obra de Husserl e frontalmente tematizada na tese defendida por Edith Stein em 1917 (Ranieri & Barreira, 2012), é uma passagem incontornável para o desdobramento de novos e consistentes recursos conceituais para a psicologia. A apresentação e problematização da empatia, bem como da antropologia fenomenológica desses autores, por parte da filósofa Angela Ales Bello, têm lançado as bases para que essa tarefa seja enfrentada.

Sempre frisando que a filosofia de Husserl é uma gnosiologia, Ales Bello afirma:

Ter colocado em evidência as características essenciais do processo de conhecimento conduziu não somente a compreensão de tal processo, mas a mostrar em que consiste o ser humano; portanto, a teoria do conhecimento e a antropologia filosófico-fenomenológica são estreitamente conexas e são caracterizadas por um reenvio recíproco de um ao outro (Ales Bello, 2019, p. 50).



O fato de que a fenomenologia husserliana é uma teoria do conhecimento alinhava como propedêutica, ou como epistemologia de base para as outras ciências (Farge & Pradelle, 2019). Ales Bello, todavia, tem colocado uma ênfase original nesta conexão entre gnosiologia e antropologia fenomenológica, abrindo uma perspectiva diferente para a fundamentação da Psicologia. A partir do enfoque iluminado pela filósofa italiana, cada fenômeno examinado revela correlativamente a estratificação da unidade corpórea, psíquica e espiritual constitutiva do ser humano. Nessa perspectiva, o exame de um fenômeno o abre à totalidade da experiência vivencial do sujeito. Assim, se enfoques prévios limitavam-se, por exemplo, a frisar a redução cognitiva do fenômeno enquanto ideia, a abordagem inaugurada na psicologia pelo enfoque de Ales Bello examina também como o fenômeno é vivenciado irradiando-se à totalidade humana, isto é, da esfera pré-reflexiva à reflexiva. O valor da abordagem promovida por Ales Bello é íntimo de sua fidelidade à fenomenologia, razão pela qual os resultados que enfatiza não pretendem se naturalizar como uma teoria, mas sustentar a atitude de reiniciar as análises voltando às coisas mesmas. Portanto, a atenção metodológica sempre implica um estilo epistemológico, uma reflexão constante sobre seu próprio modo de se fazer.

Sob essa perspectiva clássica, a escuta suspensiva foi desenvolvida no decorrer da realização de pesquisas empíricas, em que se constatava a insuficiência descritiva e epistemológica pressupostas em procedimentos consagrados, que adotam entrevistas como seu instrumento. Ou se buscava preencher lacunas metodológicas ou, alternativamente, se negligenciaria a intersubjetividade como esfera produtiva da investigação fenomenológica em psicologia, deixando a entrevista ser naturalizada como coleta de dados. A escuta suspensiva consiste em uma operação dialógica que, no processo de pesquisa, aciona a suspensão fenomenológica, tendo por premissas tanto aquilo que a precede como aquilo que a sucede, a saber, antes o delineamento de seu objetivo e objeto experiencial, da amostra intencional, seguidas do *cruzamento intencional*, a etapa analítica conclusiva em um novo modelo de pesquisa empírico-fenomenológica (Barreira & Ranieri, 2013; Barreira, 2017, 2018). Metodologicamente, trata-se do resultado de uma fenomenologia da entrevista, apontando o horizonte de vivências operativas - a escuta suspensiva - que, em razão de determinada consistência interna, lhe autorize o título de entrevista fenomenológica ao modo da fenomenologia clássica.

Alinhada às ambições da fenomenologia clássica de firmar uma psicologia fenomenológica, a proposta de uma escuta suspensiva como condição operativa para uma entrevista fenomenológica é coerente com o fato de que, ao longo dos anos de trabalho, Husserl encontra múltiplas vias para a redução fenomenológica, entre elas, em especial, a *redução intersubjetiva*. Embora já se anunciasse em 1910/11, em *Problemas fundamentais da fenomenologia* (Husserl, 1910-11/2006), como adverte Ales Bello (2016b, p. 62), como necessidade de uma "dupla redução", a redu-



ção intersubjetiva foi sistematizada inicialmente em *Filosofia primeira*, manuscrito de curso ministrado pelo filósofo em 1923 e 1924. Para ele, assim como “podemos exercitar a redução sobre nossos próprios atos - aqueles presentes e aqueles implicados intencionalmente, aqueles reais e aqueles fictícios - podemos exercitar a mesma redução sobre os atos estranhos dos quais tomamos consciência mediante a empatia” (Husserl, 1923-24/2007, pp. 135-176, tradução própria).

O fenomenólogo adverte, porém, que “para os atos estranhos, dados na empatia, a situação é mais complicada”(idem, pp. 135-177). A retomada das passagens analíticas de Husserl sobre isso é complexa, bastando aqui mencionar que elas reenviam aos graus da estratificação temporal pela qual o ego transcendental tem acesso a si mesmo, comparando-a àquelas estratificações mediante as quais o ego acessa o alter ego. A estrutura transcendental do ser humano, isto é, a antropologia a que chegam as análises fenomenológicas, é o que esta redução revela na concordância de experiências compartilháveis pela qual, conforme argumento do filósofo,

se mostra que os outros sujeitos podem portar em si mesmos sistemas de experiência deste gênero, estando assim em relação um com o outro na medida em que o objeto intencional do sistema de um sujeito é o mesmo objeto do sistema de um outro (idem, pp. 180-229).

Nesse trabalho, Husserl (1923-24/2007) ainda atribuirá à analogia entre corpos próprios o que, em *Meditações cartesianas* (Husserl, 1929/2013), será revisto criticamente, apresentando-se como emparelhamento (*paarrung*) entre corpos próprios, que

indica ainda algo a mais, vale dizer, a vida psíquica estranha e aquilo que é indicado agora não é mais um elemento transcendental-subjetivo que provém do círculo da minha vida própria. O componente psíquico estranho, segundo o seu conteúdo transcendental, é algo que, agora, posso apenas chamar (Husserl, 1923-24/2007, pp. 181-230, tradução nossa).

O que a escuta suspensiva, ora descrita, faz é esse chamado à expressão vivencial do outro, a que só ele tem acesso em primeira pessoa. Produzir uma narrativa experiencial visa, no passo a passo investigativo, abrir um canal de acesso à execução progressiva e concêntrica das reduções indispensáveis para almejar um resultado que, evidenciando seus elementos configurativos últimos, explicita a estrutura vivencial do fenômeno examinado. Diferentes modelos consagrados de pesquisa empírico-fenomenológica em psicologia não reivindicam a articulação das múltiplas vias de análise, havendo propostas limitadas à redução eidética, situação que faz Holanda e Freitas (2011, p. 99) avaliarem que “o ‘recorte’ da obra de Husserl [...] é responsável pela maior parte dos mal-entendidos sobre suas ideias”. As controvérsias em torno da passagem da redução eidética à transcen-



dental têm relação direta com a resistência à adesão filosófica a um eixo fulcral de seu pensamento³. Sem compreensão da consciência transcendental não há tampouco compreensão do território das vivências como esfera diferente daquela dos atos. Os acontecimentos e atos qualificados como corporais, psíquicos e espirituais podem ser apreendidos graças a um registro vivencial que não é nem de um tipo e nem de outro, mas propriamente transcendental (Ales Bello, 2016a, 2016b, 2019). Estes têm caráter de universalidade e provam a consciência transcendental como intersubjetiva (Husserl, 1929/2013). As vivências são esses elementos últimos que nas análises sobre a constituição, mostram-se como caracteristicamente corporais, psíquicas e espirituais, explicitando, mediante a empatia e a redução intersubjetiva, os sistemas de experiência ou a estrutura transcendental do ser humano. A redução fenomenológica de experiências mundanas, tomadas a partir de sua concretude, tem a finalidade de tornar explícita sua estrutura eidética e vivencial, isto é, aquela configuração de vivências específicas, que possibilitam sua manifestação do modo como se manifestam e nos limites com que se manifestam.

É fundamental frisar aqui que por vivência não se pode entender um dado de interioridade subjetiva apartado do mundo, nem um dado de individualidade pessoal singular. A vivência está no mundo, por mais que seja necessário escavar a subjetividade para revelá-la em sua evidência e distinção. O que a *epoché* transcendental faz não é se cindir e apartar do mundo, é considerar cada coisa à sua vez, visando apreender-lhe o sentido, a fim de tomar ciência de como esta *pode* participar da constituição mundana, seja ao modo da atitude prática, sentimental-valorativa, natural, pessoal, aritmética, teórica, fenomenológica eidética ou da transcendental. Tudo isso se alinha ao fato de que

a fenomenologia quer ser ciência e método, a fim de elucidar possibilidades, possibilidades do conhecimento, possibilidades da valoração, e as elucidar a partir do seu fundamento essencial; são possibilidades universalmente em questão e, portanto, as investigações fenomenológicas são investigações universais de essências (Husserl, 1907/2008, pp. 51-77).

Voltadas ao tema da cultura, suas possibilidades de conhecimento junto às estruturas originárias do mundo permitem o estudo em profundidade das dinâmicas culturais particulares. Logo, a pesquisa empírico-fenomenológica deve e pode seguir as pegadas transcendentais também na cultura, tema que concerne à psicologia da pessoa, posto que são pessoas que criam a cultura e é culturalmente que as pessoas se constituem e desenvolvem enquanto tais. Segundo as palavras de Husserl (1929/2013):

³ Husserl mesmo observava na década de 1930: "Tão grande é o poder dos preconceitos que a *epoché* e a redução transcendental já estão desde há décadas expostas, em diversos estádios de desenvolvimento, sem que tenha sido alcançado mais do que transcrições, na velha psicologia, deformadoras do sentido dos primeiros resultados da descrição genuinamente intencional". (Husserl, 1926-1938/2012, pp. 253-202).



na progressão sistemática da explicitação fenomenológico-transcendental do ego apodítico deve finalmente desvendar-se-nos também o sentido transcendental do mundo na plena concreção com que ele é o mundo-da-vida constante de todos nós. Isto diz respeito também a todas as formas particulares circum-mundanas em que o mundo se nos apresenta segundo a nossa educação e desenvolvimento pessoais, ou também segundo a nossa afiliação a esta ou àquela nação, a este ou àquele círculo de cultura (pp. 163-174).

Tem-se aí um conjunto de temas – unidos pela ideia de sentido transcendental do mundo na plena concretude com que ele é o mundo-da-vida – do maior interesse para a realização de uma psicologia da cultura, ou, como o revela o necessário mútuo entretecimento daquela com esta, de uma psicologia da pessoa. Na esteira da arqueologia fenomenológica das culturas (Ales Bello, 1998; Valério & Barreira, 2015), basta dizer aqui psicologia fenomenológica, defendendo sua abrangência e rejeitando que seu valor e aplicação em psicologia possa se restringir a, ou mesmo priorizar, reducionismos técnicos em temas cognitivos ou pesquisas experimentais. Não há menos rigor nem menos necessidade da fenomenologia em uma psicologia geral voltada à pessoa e cultura, suspeita que só pode haver quando ela é distorcida por uma mentalidade experimental-positivista.

Seguindo o espírito desta filosofia, a construção de uma psicologia fenomenológica não se dará pela edificação de constructos psicológicos, como se convencionou fazer na maioria das abordagens da área. Seu trabalho é inverso, regressivo, desconstruindo constructos e almejando sempre voltar às experiências e suas vivências constitutivas. O conhecimento de seus resultados predispõe quem dele se apropria a abrir-se intuitivamente às coisas mesmas, refundando os conceitos oriundos da análise fenomenológica em seu preenchimento intuitivo. Sem esta apropriação e domínio fenomenológico, os conceitos são operados ao modo interpretativo, estando na superfície da pretensão fenomenológica. Todos os passos de seu trabalho investigativo e produtivo se fundam naquilo que se oferece a partir desse retorno às coisas mesmas. Entretanto, é necessário seguir problematizando a fundo como as passagens metodológicas mais próprias à psicologia, aquelas do encontro interpessoal, podem corresponder ao propósito regressivo. Tomadas superficialmente, as entrevistas, o recurso mais frequente nas investigações empíricas, constroem discursos, coletam dados, registram representações. O aprofundamento epistemológico e metodológico da entrevista demanda que ela seja sistematicamente teorizada como um momento experiencial, uma interlocução pautada como experiência intersubjetiva, uma condução intencional de chamada a uma atitude expressiva de um relato de experiência vivencial em primeira mão, isto é, atitude de abertura e revelação do fenômeno conforme experimentado pela pessoa. Embora não falem desenvolvimentos competentes de procedimentos de entrevista voltados à experiência (Ranieri & Barreira, 2010), da clínica psicológica



como encontro mobilizador do contato com a experiência (Stanghellini, 2004), nem constatações de que a entrevista é um processo intersubjetivo (Feijoo & Lessa, 2014), nenhuma sistematização teórica situou a questão como passo determinante no conjunto do arco da pesquisa empírico-fenomenológica. Não sendo coleta informativa, nem construção de discurso, somente uma entrevista processada como condução, recepção e compreensão de experiências que se apresentam como um fenômeno particular - a própria escuta disponibilizada ao modo suspensivo - pode fornecer à psicologia o recurso indispensável para, em sua práxis, reunir-se ao projeto da fenomenologia transcendental de Husserl.

Fenomenologia da entrevista

Caracterizar uma entrevista como aberta, semiestruturada e em profundidade sinaliza aspectos objetivos afeitos a investigações empíricas coerentes com a fenomenologia. A insuficiência dessa caracterização está no comprometimento apenas muito genérico com a descrição da qualidade do relato almejado, bem como do processo intersubjetivo pelo qual se chega ao relato, o que a deixa sujeita a variações e execuções eventualmente incompatíveis com a finalidade fenomenológica de "retorno às coisas mesmas". Uma incompatibilidade ilustrativa se dá num relato que não passe de um discurso pronto ou que permaneça num registro *representativo*, isto é, que fale *sobre* a experiência, que a *explique*, que a *refira*. Haver a flexibilidade, característica das entrevistas abertas e semiestruturadas, para pedir mais informações e formular novas questões à medida que o entrevistado discorre, embora indique uma condição sem a qual uma entrevista fenomenológica não possa ser executada, não apreende as especificidades sem as quais uma entrevista não pode ser caracterizada como fenomenológica - ao menos ao modo da fenomenologia clássica.

A expressão sugere e a coisa confirma: uma *entrevista* coloca pontos de vista para se encontrarem, como quer a etimologia que reenvia ao francês *entrevue*. "Entre" se assenta no latim *inter*, significando em meio a; "vista" no latim *videre*, ver. Entrevistar pode, assim, ser pensado como ato de aceder de seu próprio ponto de vista ao ponto de vista do outro, trazendo ao meio de um *nós* um ponto de vista partilhado. Equivale a um encontro de pontos de vista e, etimologicamente, para acontecer, não requereria mais do que duas pessoas olhando a mesma coisa juntas. A convenção do uso da palavra *entrevista* é forte o suficiente para que esse encontro de pontos de vista seja situado numa interlocução que implica perguntas e respostas. Esse ingrediente trazido pela convenção reforça a ideia de deslocamento de um ponto de vista até o outro. Não é preciso mais do que isso para assinalar um traço essencial do fenômeno entrevista. Logo, a variedade de possibilidades de entrevistas é enorme e não interessa vasculhá-la em toda a sua tipologia, senão



delineá-la enquanto entrevista fenomenológica.

Voltada à experiência de consciência primeira, a entrevista fenomenológica almejará produzir relatos de experiência, isto é, expressivos em primeira mão daquilo que foi experienciado em primeira pessoa. Se a produção de um relato assim é seu intento, não se pode, todavia, reduzir o que se desenvolve durante a entrevista apenas ao relato acabado. A entrevista fenomenológica é ela mesma um fenômeno, portanto, uma experiência vivenciada e operacionalizada como escuta suspensiva. A intenção deliberada da escuta suspensiva coloca em prática a entrevista fenomenológica, logo, convida alguém a uma fala que se envolve e se engloba por uma escuta ativa e interessada em aceder à experiência alheia. Na entrevista fenomenológica, embora o protagonismo patente seja o de quem fala, a proeminência, discreta e tácita, mas axial para chamar e albergar uma fala ainda latente, é de quem escuta. Portanto, a escuta implica a fala, sendo o próprio meio (entre) em que se dá o encontro perceptivo. Se por um lado, ela por si só não é garantia para a evocação de uma narrativa experiencial, é a qualidade da escuta que chama e sustenta a ambiência para uma fala assim qualificada.

Fenomenologia da escuta

Antes de prosseguir traçando as especificidades, complexidades e dificuldades para execução da escuta suspensiva é importante indicar alguns de seus elementos eidéticos, numa redução fenomenológica preliminar da escuta. Fenômeno psicológico e operativo, a escuta tem dosagens oscilantes e interdependentes de dois polos, um passivo e outro ativo. Embora escutar seja diferente de ouvir, originariamente, a escuta implica⁴ a audição, seu polo passivo. Materialmente vinculada a um órgão sensorial, ouvir é ser afetado pela sonoridade. Na obra de Husserl, recorre-se a uma palavra grega (*hyle*) para se denominar a materialidade viva que constitui a corporeidade, a hilética (Ghigi, 2003; Barreira, 2014; Valério & Barreira, 2015). As características hiléticas da sonoridade enquanto fenômeno reduzido, argumenta Husserl em mais de uma obra, não têm localização espacial. Certa tradição científica a nomeou qualidade secundária, diferentemente daquelas qualidades primárias que ocupam lugar material no espaço e podem ser percebidas pelo tato e pela visão, ambas localizadamente determinadas. Assim, a hilética auditiva abre-se como um horizonte de extensão temporal e de indeterminação espacial. Por ter uma natureza destacada da espacialidade – em outras palavras, abstraída do espaço –, a audição é o sentido perceptivo que guarda melhores correlações com a atividade simbólica, com o pensamento, com a própria ausência de confins da alma

⁴ Como interlocução, pode haver escuta sem audição e fala sem sonoridade, caso das comunidades de pessoas surdas que se comunicam por uma língua de sinais, como as Libras (língua brasileira de surdos), ancoradas na espacialização da linguagem mediante gestos simbólicos.



advertida por Heráclito. Se tato e vista remetem a concretude e evidência, uma vez que a sonoridade possa designar coisas ausentes do aqui e agora - invisíveis e intocáveis - pode-se supor que a hilética auditiva tenha sido, do ponto de vista de sua gênese histórica, determinante para o desenvolvimento do pensamento e da própria linguagem categoriais.⁵ Organicamente, o sentido auditivo é o que menos diretamente pode rejeitar ser acionado. Pode-se fechar os olhos, afastar o corpo, prender a respiração e fechar a boca, restringindo, voluntária e imediatamente, o acionamento da visão, do tato, do olfato e do paladar, mas os ouvidos dependem da mediação de outros órgãos, como as mãos, para fecharem-se à audição. Os ouvidos estão “permanentemente” abertos, caracterizando a audição como o sentido menos sujeito ao controle imediato da vontade, levando, mais do que os outros sentidos, audição a combinar com recepção.

Onde há só audição (hilética), a escuta está desativada por ausência de seu polo operativo (noético), o polo que colhe a audição com algo mais do que sensorialidade, como atenção, apreço, sentido, entendimento, significado. Onde não há “audição”, não há escuta, mas pura atividade cognitiva, no limite, pensamento maníaco. Audição com aspas quer frisar que ela pode ocorrer sem a sonoridade efetiva (real), sendo substituída pela visão, recordação ou imaginação, como uma fala interior, como atitude de espera e receptividade em que alguém se coloca à escuta de si, de um Outro, do silêncio, no aguardo de algo emergir, que, a exemplo dos poetas, ainda não se sabe o que é, mas comparece como criação artística. No que tange à exteriorização artística, a música e sua escuta aludem aos próprios movimentos da alma, exprimindo e imprimindo sentimentos que dispensam linguagem verbal e tomam a corporeidade. Mencioná-la lembra que, embora não privilegiada no presente recorte, a musicalidade tem impactos psicológico e terapêutico notáveis, denotando uma amplitude para a escuta suspensiva que não poderá ser alcançada aqui. Todavia, se as tonalidades da afecção sonora têm na musicalidade seu exemplo cultural por excelência, elas também preenchem uma particularidade capital para o tema da escuta interessada na experiência alheia, a escuta empática. São dignas de nota algumas intuições expostas por Edith Stein a respeito dos “materiais fônicos” que, mesmo na ausência da linguagem humana, caso de nossa relação com os animais, nos permite entrar “na vida psíquica atual enquanto exprimem raiva, angústia, dor – toda a escala de afetos animais” (Stein, 1932-33/2000, p. 91 <74>), tradução nossa). Recorrendo-se ainda a Edith Stein, pode-se passar àquilo que, assentando-se na escala afetiva, habita o centro da escuta suspensiva enquanto operação de acolhimento e compreensão interpessoal objetiva:

⁵ Quanto às línguas de sinais, pode-se perguntar se elas teriam o alcance simbólico e abstrativo que atualmente têm sem a base prévia da língua de ouvintes e falantes, na qual a elaboração de significados que remetem ao que está ausente teria, segundo a presente hipótese, se desenvolvido com base na objetivação da hilética sonora.



O que distingue, do ponto de vista do material fônico, a linguagem humana dos sons meramente afetivos é a continuidade da fala, a composição do material em formas fixas, estruturadas (“articuladas”) e um ritmo e tom regulares correspondentes a essa formação. Se considerarmos o fenômeno da linguagem em sua totalidade, as formas articuladas são convertidas em portadoras de significados fixos, o fluxo da fala em um contexto de sentido; é assim que a linguagem, como forma de expressão linguística que se refere a um contexto de sentido criado de maneira viva e como uso livre da expressão linguística, atinge o objetivo da comunicação (Stein, 1932-33/2000, p. 91 <75>).

Para uma consideração da escuta interpessoal em sua totalidade os elementos postos a nu durante a análise precisam ser recolocados em seu conjunto. Logo se vê como a escuta pode não ocorrer apenas com o ouvido, mas com todo o corpo e a integralidade da pessoa, posto que gestualidade, expressividade facial, afetividade participam do processo empático e comunicativo, tanto como participam raciocínios, lembranças, entendimento e tudo o que é mais pertinente à linguagem humana. Lingis (2007) enfatiza a dimensão do tato na escuta. Isso coloca a escuta como um fenômeno situado, que impõe particularidades à ideia de suspensão. Enquanto leitor, posso interromper-me e voltar algumas palavras, linhas, parágrafos e páginas atrás a fim de buscar as conexões entre este e outros momentos do texto. A possibilidade de localizar um sentido num dado trecho do texto se oferece pela fixação espacial dos signos escritos. Os confins do sentido e da precisão do material escrito e lido, portanto, diferem dos da fala e da escuta, menos precisos, mais fluidos, sujeitos à ostensividade temporal da expressão linguística atual, à memória e à retenção do aqui e agora da interlocução. O trabalho da escuta não se dá junto à estabilidade do suporte espacial escrito, exigindo atenção e habilidades que a prática psicológica exerce eticamente sublinhando facetas da comunicação que a racionalização filosófica, por sua vez, pode desconsiderar.

A *expertise* desenvolvida por psicólogos tem muito a contribuir ao esclarecimento do que se passa no ato de escutar. Direcionada tanto à pesquisa quanto à clínica, no terreno fenomenológico, uma contribuição ímpar, nesse sentido, é a do trabalho do psicólogo brasileiro Mauro Martins AmatuZZi (2001) que, apoiando-se em Maurice Merleau-Ponty, demonstra a qualidade de dois tipos de fala, uma fala segunda (fala sobre falas) e uma primeira (autêntica), que dão conta de apreender quando a emergência do sentido provém diretamente da experiência vivida. Como diz Lingis: “Com as palavras mantemos contato com as coisas. Também reconhecemos e respeitamos aqueles que têm uma longa e profunda experiência com as coisas” (Lingis, 2007, p.6, nossa tradução). Podemos falar de uma “linguagem tátil” lembrando com Lingis que “há uma fala que à distância faz contato com a mágoa, a fúria, a mortificação, a cautela e o sigilo de um corpo” (Lingis, 2007, p.4, nossa tradução). Tal apreensão é empática e não seria a mesma sem



o acompanhamento do ritmo, dos silêncios, das pausas e entonações que, se não são retomadas nos artigos e relatórios que comunicam resultados de pesquisa, são determinantes no processo de entrevista e análise, permitindo reconhecer relatos de experiências próprias. Uma fala que guarde congruência entre relato e sentimentos que o acompanhem ou, ao contrário, uma fala em que esses elementos estejam dissociados, trazem índices importantes para a condução da entrevista, imperceptíveis na leitura de um material transcrito. É verdade que isso pode até ser irrelevante em certos contextos de escuta, o que leva ao problema de sua relação com as diferentes orientações durante a escuta. Para tanto, pode-se seguir com legitimidade a pista deixada por Husserl sobre a necessária conversão de atitude para se fazer fenomenologia.

A escuta suspensiva – condição de possibilidade da entrevista fenomenológica

Usualmente, a escuta, a exemplo do que se disse a respeito da empatia em outro lugar, “é extraordinariamente ordinária” (Barreira, 2014, p. 55), sendo “tão comum à experiência interpessoal que se oculta, e não se tematiza, permanecendo implícita à nossa consciência mundana” (idem). Logo, o início de sua qualificação é favorecido quando seu contexto é delineado, assinalando um enquadre relacional e intencional que não a posiciona arbitrariamente. Alguns traços comuns da escuta adequada entre a entrevista investigativo-compreensiva e a natureza da clínica psicológica as vinculam intimamente, o que não as exime de uma necessária diferenciação. Tome-se a própria clínica, que não é exclusividade da Psicologia, como ponto de partida emblemático para a descrição da escuta segundo as orientações (ou atitudes) adotadas na interlocução.

Assim, no contexto de saúde, um atendimento clínico informado pelo modelo biomédico executa uma *escuta científico-natural*. Esta desconsidera a subjetividade do paciente, pautando e filtrando a fala somente naquilo que fornece dados objetivos para se estabelecer as relações entre circunstâncias, cronologia e sintomas de modo suficiente para a determinação de diagnóstico, prognóstico e prescrição. A orientação natural, entendida como a presunção - coerente com a da Ciência Natural - de que haja um mundo independente da consciência que o apreende, expressa-se em relatos explicativos e factuais que, em geral, deixam subentendida certa rejeição à subjetividade como participante da constituição do mundo. Narrativamente, isso se traduz num discurso objetivo. A ideia de uma entrevista como coleta de dados, por exemplo, é precisamente compatível com a orientação natural. Sob orientação similar, deve-se assinalar também uma *escuta psicológico-natural* em que a fala e a subjetividade são prontamente interpretadas e enquadradas objetivamente, vendo um funcionamento psíquico e atribuindo significados subjacentes à



narrativa de acordo com presunções teóricas da perspectiva adotada, seja ela qual for, psicanalítica, existencial, cognitivo-comportamental etc. Isso é criticamente exemplificado na psiquiatria por Stanghellini (2004).

Não é difícil detectar também uma *escuta psicologista*. Seguindo uma orientação historicista, ou subjetivista, essa se volta, por sua vez, ao ponto de vista relativo do sujeito, tomando a singularidade da experiência por suficiente e independente de qualquer traço constitutivo generalizável, dispensando sentidos objetivos e assumindo a particularização relativista como parcialidade insuperável à racionalidade. Sob esta presunção pode-se apenas diminuir a distância da parcialidade por um tipo de perspectivismo que some, compare, valide, aproxime e acomode diferentes pontos de vista.

As orientações natural e historicista mostram um horizonte pré-determinado por parte de quem escuta a direcionar também a fala, senão objetivamente, subjetivamente, ao só escutar o que a atitude assumida põe como seu interesse. As reflexões próprias à fenomenologia clássica não têm a pretensão de abolir o horizonte, mas pretendem não assumir ingenuamente os pressupostos que o informam. É por esta razão que a sistematização teórica da escuta suspensiva precisa explicitar suas presunções – a da fenomenologia transcendental – justificando o que a possibilita e o que almeja em sua execução, retornando à antropologia fenomenológica, à redução intersubjetiva, à empatia e à fala expressiva da experiência intencional como elementos estruturantes de seu plano de fundo. Assim, a *escuta suspensiva* sintetiza operações que pretendem, por meio de um intercâmbio dialógico, aproximar os horizontes de dois polos, o de quem fala e o de quem escuta, mediante a apreensão empática da experiência com a sua respectiva compreensão recíproca.

Todo fenômeno tem um horizonte de indeterminação, o que é válido para a percepção pessoal de cada um. Pode-se falar de um horizonte singular em que a pessoalidade única e exclusiva de cada *eu* é tomada em consideração e pode ser objeto de reflexão, mesmo que haja dimensões do eu sempre acessíveis exclusivamente ao eu. Num horizonte pessoal, encontram-se também esferas mais compartilhadas, como um horizonte de cultura (relativamente) comum, um horizonte histórico (relativamente) comum e um horizonte sócio-político (relativamente) comum. A aproximação entre os horizontes dos dois polos da escuta será afetada por essa sua estratificação e por aquilo que houver de mais ou menos comum entre eles. Entretanto, interessa considerar, sobretudo, que o horizonte de expectativa de quem escuta almeje deliberada e operativamente se aproximar do horizonte singular de quem fala. Para isso, os aspectos comuns dos horizontes de ambos jogam um papel importante e que prescinde, em larga medida, da saída da orientação “natural”. Natural aqui não é uma adesão à tese da existência objetiva do mundo independente do sujeito de seu conhecimento, mas equivale a conside-



rar por relativamente conhecidas, mesmo se não examinadas detidamente, certas coisas próprias ao mundo-da-vida intersubjetivamente partilhado. Com efeito, a escuta suspensiva executa um ziguezague de orientações, oscilando de uma a outra em favor da detecção e respectivo mergulho naqueles momentos experienciais que sejam determinantes para a melhor compreensão do que se almeja. Uma dupla dinâmica de retenção e protensão, cada uma vivendo particularmente nos horizontes de expectativas de quem fala e de quem escuta, opera convergindo-se a partir da experiência tema. A tematização da experiência irradia-se por ambos os horizontes, iluminando-os a quem se dedique a persegui-los. O mundo circundante e os saberes prévios junto ao horizonte partilhado coligam intersubjetivamente os horizontes singulares de cada polo (mônada). A dinâmica de temporalidade de cada polo acompanha-se também por uma dinâmica de orientações: oscilação entre orientação natural, personalista e fenomenológica, pelos quais os horizontes se avizinham. Todavia, a submissão ao propósito compreensivo dá à suspensão a prioridade à qual as demais atitudes, os saberes prévios, naturais e transcendentais, vêm em socorro. Quanto mais esses saberes prévios estiverem baseados em experiências transcendentais, isto é, na explicitação propiciada por reduções transcendentais, mais predisposição em seguir as pistas que tornam intuições vazias em intuições preenchidas haverá por parte de quem escuta. Husserl declara que: “Cada nova descoberta transcendental enriquece, assim, no retorno à atitude natural, a minha vida mental e (aperceptivamente, sem mais) a de cada um” (Husserl, 1926-38/2012, p. 171<214>).

Portanto, mirando o que almeja, no horizonte de expectativa da investigação fenomenológica clássica, a *orientação* norteadora da escuta suspensiva é *empático-psicológica*. Sua intenção é compreensiva e visa apreender uma experiência vivencial do modo *como* ela se mostra, *como* ela acontece para o sujeito entrevistado. Ao pautar a fala, suas perguntas querem afastar-se de relatos apenas explicativos e factuais. Antagonicamente, um direcionamento do relato a gostos e desgostos, sentimentos e sensações, sem descrever a situação a que se refere, recairia num subjetivismo que tampouco dá acesso à experiência vivencial. Quer-se um relato que seja expressivo da percepção do entrevistado do modo o mais rente possível ao que foi originariamente percebido, evitando-se tanto um relato de impressões como o distanciamento que corresponderia a uma percepção da percepção e, sucessivamente, a substituição da percepção originária por um discurso crônico e estabelecido a seu respeito, isto é, uma conexão naturalista do que foi diretamente vivenciado, valendo o mesmo para o que resulta de uma polifonia objetivada como fala impessoal. Assim, o ponto de vista partilhado que se almeja numa entrevista fenomenológica é o ponto de vista que permita percorrer compreensivamente a experiência vivida, apreendendo seu encadeamento pessoal e acessando seu sentido interior.



A execução da escuta suspensiva reorienta os dois polos subjetivos implicados no processo: 1. o entrevistador adota a *orientação empático-psicológica* para apreender o fenômeno conforme ele é experienciado pelo entrevistado e, para isso, tanto o direciona ativamente à sua própria percepção como o acompanha empaticamente em seu movimento intencional voltado ao tema em pauta; 2. o entrevistado direcionado pelas perguntas e pelo interesse do pesquisador assume a *orientação pessoal*, isto é, expressa o modo como pessoalmente experiencia a temática pautada. Nessa orientação dirige-se a uma retomada da própria percepção do que foi vivido, com seu ponto de vista, objetos, valores, posições, ações, imaginações, afetos, interações. Aqui, estando em pauta a percepção do entrevistado, suspende-se, por parte do pesquisador, os juízos que ele mesmo tenha formulado a respeito da experiência tematizada, posicionando-lhe de modo aberto ao que é expresso pelo sujeito. Este interesse de quem opera a escuta suspensiva é o oposto da antecipação ou presunção fechadas de conteúdos, sentidos e significados sobre o que está sendo relatado, sendo ao mesmo tempo uma condição prévia e um processo dinâmico da entrevista. Como condição prévia, trata-se de ser uma atitude intencionalmente assumida pelo entrevistador que se orienta fenomenologicamente, transitando entre a orientação natural, a empático-psicológica e a orientação fenomenológica. Como processo dinâmico, a compreensão busca se confirmar e aprofundar no decorrer da entrevista, num ir e vir dialógico que permita o recobrimento compreensivo da intencionalidade alheia, explorando inclusive aspectos cujo sentido seja implícito, obscuro para o próprio entrevistado. Esse movimento tem relação direta com a oscilação em ziguezague e a dinâmica de mudança de atitudes, natural, empático-psicológica, fenomenológica, operando como sinergia de retenções e protensões que almeja o acesso a uma fala autêntica (Amatuzzi, 2001).

Conclusão

A proposição da escuta suspensiva como chave operativa da entrevista fenomenológica situa o projeto husserliano de psicologia num momento prático e dialógico. Sem qualquer abandono da teoria do conhecimento, interessa aqui elucidar como, num proceder específico da relação interpessoal, conhecimentos cientificamente válidos, isto é, conhecimentos de essência possam ser extraídos de uma dinâmica relacional dialógica. Nesse sentido, adotando uma perspectiva husserliana pré-transcendental, Giorgi (2005) apontou contribuições da perspectiva fenomenológica para uma prática técnica, incluindo a aplicação da redução fenomenológico-psicológica. O que propomos aqui por meio da escuta suspensiva é a possibilidade de caminharmos para uma operacionalização da redução transcendental, seguindo o projeto de Husserl. Acatando-se ou não as ideias para uma escuta suspensiva



como sendo esta chave operativa, sem uma tal elucidação o projeto de psicologia fenomenológica está fadado a permanecer projeto teórico. Contra o avanço dessa psicologia, muitos melindres conceituais agem como espécie de bloqueio teórico. Isso não é uma novidade para a fenomenologia, cujo progresso assumiu sua vocação de luta filosófica em nome da humanidade autêntica (Husserl, 1926-38/2012; Barreira, 2013). Como ciência e profissão, a psicologia tem a missão ética de assumir sua parte nesse combate pela ciência e humanidade autênticas (Barreira, 2011). O próprio significado disso e sua perspectiva de alcance podem variar, como é o caso das importantes derivações da fenomenologia clássica. Nesse sentido, a qualificação e o aperfeiçoamento epistemológico e prático da escuta suspensiva, certamente irrestrita à perspectiva husserliana e steiniana, terão como eixos determinantes sua sistematização segundo outras abordagens e segundo seu enquadre (*setting*) de aplicação.

Referências

- Ales Bello, A. (1998). Hyle, body, life: phenomenological archaeology of the sacred. In M. Kronegger, & A. T. Tymieniecka (Eds.), *Life differentiation and harmony: vegetal, animal, human* (Analecta husserliana, 57; pp. 6374). Kluwer Academic Publishers.
- Ales Bello, A. (2016a). *Il senso dell'umano: tra fenomenologia, psicologia e psicopatologia*. Castelveccchi.
- Ales Bello, A. (2016b). *Edmund Husserl: Pensar Deus, crer em Deus*. (A. T. Garcia, & M. L. Fernandes, trad.). Paulus. (Original publicado em 2005).
- Ales Bello, A. (2019). Análisi e comento del testo di Husserl. In E. Husserl. *Il bambino: la genesi del sentire e del conoscere l'altro* (p. 49-64). (A. Ales Bello, Trad.). Fattore Umano Edizioni.
- Amatuzzi, M. M. (2001). *Por uma psicologia humana*. Alínea.
- Barreira, C. R. A. (2011). Da história da fenomenologia à ética na psicologia: tributo ao centenário de Filosofia como Ciência Rigorosa (1911) de Edmund Husserl. *Memorandum*, 20, 135-144. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6628>
- Barreira, C. R. A. (2013). Fenomenologia do combate: da ética da luta à luta pela vida ética. In M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 413-447). Artesã.



- Barreira, C. R. A. (2014). A bela adormecida e outras vinhetas: A empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica. In J. Savian Filho (Ed.). *Empatia. Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas* (pp.53-93). Loyola.
- Barreira, C. R. A. (2017). Análise fenomenológica aplicada à psicologia: recursos operacionais para pesquisa empírica. In M. Mahfoud; J. Savian Filho. *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia e educação* (pp.317-368). Paulus.
- Barreira, C. R. A. (2018). Escuta suspensiva. In *Anais do V Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos: Pesquisa Qualitativa na Educação e na Ciência em Debate*. SEPQ. <https://sepq.org.br/eventos/vsipeq/documentos/26960325803/10>
- Castro, T. G., & Gomes, W. B. (2011). Movimento fenomenológico: Controvérsias e perspectivas na pesquisa psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(2), 233-240. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722011000200014>
- Coelho Júnior, A. G., & Barreira, C. R. A. (2019). Influências fenomenológicas na psicologia clínica. In M. Massimi, & S. Passafaro (Orgs.). *História da psicologia fenomenológica* (pp.333-364). Loyola.
- Depraz, N.E., Varela, F.J., & Vermersch, P. E. (2003). *On becoming aware: A pragmatics of experiencing*. John Benjamins Publishing Company.
- Farges, J., & Pradelle, D. (2019). *Husserl: Phénoménologie et fondements des sciences*. Hermann.
- Feijoo, A. M., & Lessa, M. B. M. F. (2014). *Fenomenologia e práticas clínicas*. IFEN.
- Ghigi, N. (2003). A hilética na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. *Memorandum*, 4, 48-60. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6808>
- Giorgi, B. (2005). Reflections on Therapeutic Practice Guided by a Husserlian Perspective. *Journal of Phenomenological Psychology*, 36(2), 141-194. <https://doi.org/10.1163/156916205774651069>
- Holanda, A., & Freitas, J. L. (2011). Fenomenologia e psicologia: vinculações. In A. J. Peixoto (Ed.). *Fenomenologia: diálogos possíveis* (pp. 97-112). Alínea.
- Husserl, E. (1965). *Phenomenology and the crisis of philosophy: philosophy as rigorous science and philosophy and the crisis of european man*. (Q. Lauer, Trad.). Harper Torchbooks. (Original de 1911).
- Husserl, E. (2006). *The basic problems of Phenomenology: from the lectures, winter semester, 1910-1911*. (I. Farin; J. G. Hart, Trad.). Springer. (Original de 1910-11).



- Husserl, E. (2007). *Filosofia Prima: teoria dela riduzione fenomenológica*. (A. Staiti, Trad.). Soveria Mannelli. (Original de 1923-24, publicação póstuma em 1965).
- Husserl, E. (2008). *A ideia da fenomenologia*. (A. Mourão, Trad.). Edições 70. (Original de 1907, publicação póstuma em 1947).
- Husserl, E. (2012). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. (D. F. Ferrer, Trad.). Forense Universitária. (Original de 1926-38, publicação póstuma em 1954).
- Husserl, E. (2013). *Meditações cartesianas e Conferências de Paris*. (P. M. S. Alves, Trad.). Forense Universitária. (Original de 1929, publicação póstuma em 1950).
- Lingis, A. (2007). Contact: tact and caress. *Journal of Phenomenological Psychology*, 38, 1-6. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1163/156916207X190210>
- Massimi, M., & Passafaro, S. (2019). *História da psicologia fenomenológica*. Loyola.
- Owen, I.R. (2006). *Psychotherapy and phenomenology: on Freud, Husserl and Heidegger*. iUniverse.
- Petitmengin, C. (2006). Describing one's subjective experience in the second person: an interview method for the science of consciousness. *Phenomenology and the Cognitive sciences*, 5(3), 229-269. <https://doi.org/10.1007/s11097-006-9022-2>
- Ranieri, L. P., & Barreira, C. R. A. (2010). A entrevista fenomenológica. In *Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos*. SIPEQ. <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/46.pdf>
- Ranieri, L. P., & Barreira, C. R. A. (2012). A empatia como vivência. *Memorandum*, 23, 12-31. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6553>
- Stanghellini, G. (2004). The puzzle of psychiatric interview. *Journal of Phenomenological Psychology*, 35(2), 173-195. <https://doi.org/10.1163/1569162042652191>
- Stein, E. (2000). *La struttura dela persona umana*. (M. D'Ambra, Trad.). Città Nuova. (Original de 1932-1933, publicação póstuma em 1994).
- Valério, P., & Barreira, C. R. A. (2015). Arqueologia fenomenológica, fenomenologia genética e psicologia: rumo à gênese das manifestações culturais. *Psicologia USP*, 26(3), 430-440. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140075>



Nota sobre os autores:

Cristiano Roque Antunes Barreira é Professor Titular (RDIDP) da Universidade de São Paulo, na Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP-USP) e professor orientador nos Programas de Pós-graduação em Psicologia (FFCLRP-USP) e Educação Física (EEFERP-USP). Possui Bacharelado e Licenciatura em Psicologia (1999) e formação de psicólogo (2000) pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP e doutorado em Psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP (2004) com estágio pela Università Lateranense (Roma) e Université de la Sorbonne (Paris). E-mail: crisroba@usp.br

Achilles Gonçalves Coelho Júnior é Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (2018). Realizou estágio na Università Lateranense di Roma, na Area Internazionale di Ricerca Edith Stein nella Filosofia Contemporanea. Possui Mestrado em Psicologia (2006) e graduação em Psicologia (2000), ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000). E-mail: achillescoelho@gmail.com

Data de submissão: 09.13.2022

Data de aceite: 08.03.2023